

Folha de S. Paulo

7/4/2002

HISTÓRIA 2

Pesquisadora afirma que proibição do podão serve como rótulo para os trabalhadores rurais da cidade de Pontal

Para especialista, medida ameaça bóia-fria

Da Folha Ribeirão

A medida adotada em Pontal, de proibir que os trabalhadores rurais levem os podões para suas residências, é um crime que ameaça ainda mais os bóias-frias da região de Ribeirão Preto. Essa é a avaliação feita por especialistas ouvidos pela Folha, que dizem acreditar que a dignidade dos trabalhadores rurais fica comprometida com decisões como essa.

Para a escritora e docente da Unesp (Universidade Estadual Paulista) de Araraquara Maria Aparecida de Moraes Silva, que pesquisa a vida dos bóias-frias há 25 anos, ao se tomar uma atitude como essa contra os trabalhadores um "rótulo" é colocado neles.

"O podão é apenas uma ferramenta de trabalho, nada mais que isso. Essa medida revela como as outras pessoas vêem os trabalhadores rurais, ao dizer que eles podem usar o instrumento como uma arma. A questão do bóia-fria é muito mais profunda que isso", disse a pesquisadora.

De acordo com ela, a medida joga a responsabilidade sobre os crimes e a violência em geral para as pessoas pobres — situação dos trabalhadores rurais.

"Isso é um grande preconceito. É um golpe nos direitos deles. Os podões são comprados por eles e, portanto, eles são responsáveis. É o mesmo que proibir um policial de ter um revólver ou de proibir qualquer pessoa de ter o seu instrumento de trabalho."

Maria Aparecida disse, também, que os bóias-frias deveriam ser tratados com mais respeito, porque ganham muito mal, perdem a saúde e são os responsáveis pelo desenvolvimento da região de Ribeirão.

"Alguém duvida que eles sejam os responsáveis pela riqueza da região? São pessoas que trabalham muito, ao ponto de sofrerem problemas de coluna, principalmente. Ninguém reconhece isso", afirmou.

A pesquisadora conviveu com muitas mulheres bóias-frias, principalmente migrantes da região do Vale do Jequitinhonha (MG), que vieram trabalhar nas lavouras da região, e encontrou casos de trabalhadoras que nem se mexem nas camas, por causa de problemas adquiridos no corte da cana-de-açúcar.

"Os principais problemas ocorrem na coluna, mas há alergia, problemas respiratórios e até câncer de pele. Elas vivem da ajuda das outras pessoas", disse Maria Aparecida.

Os casos de mulheres com problemas na coluna foram registrados em Dobrada e em Barrinha. "Eram mulheres novas, com pouco mais de 40 anos. Isso prova o quanto elas trabalharam e o quanto uma medida como essa, de proibir podões, é uma violência simbólica. O bóia-fria está acabando", afirmou.

Já o sociólogo Paulo Mesquita afirmou que a "questão se resume a um instrumento de trabalho". "É estranho isso (a proibição). O problema, no entanto, é saber se, proibindo, o

problema vai ser resolvido. As pessoas podem ter outros podões em casa. Ainda que não tenham outra ferramenta, eles tem faca em casa. Tudo serve para alguém querer matar outra pessoa, se for esse o caso", afirmou.

Mesquita comparou a medida ao rodízio de veículos que existe em São Paulo. "As pessoas acabam usando outro carro e o trânsito não melhora nada. Um período de testes para essa determinação seria bom" disse.

O sociólogo afirmou que não conhece casos semelhantes e que os estudos feitos sobre armas de fogo mostram que a única maneira de as mortes diminuírem é desarmar a população.

"A lógica seria essa, mas não é assim que funciona, porque o podão é apenas um instrumento de trabalho. É uma medida radical, mas difícil de ser implementado totalmente." Por causa disso, o sociólogo afirmou que é necessário tempo para se averiguar a eficácia da medida. "Se der errado, fica provado que era uma bobagem. Caso der certo, vai ser ótimo." Marcelo Toledo

(Folha Ribeirão)